

A Quem Educa

Educa quem educará e quem aprender a perder. Quem ou cuja obra permanecer muito tempo depois do momento de educar. Educará quem for capaz de dar no presente, com decisão, coragem e sem culpas, tudo o que no futuro fizer lembrar ainda que com dor mas se possível com muita alegria o momento da educação.

Educar é perder sempre as batalhas do imediato. Menos o amor de quem percebe o quanto ele preside o gesto da educador. É perder qualquer pretensão de reconhecimento e saber que quando ele vier, se vier, já tempo não haverá para receber agasalho de sua manifestação nem com separar as injustiças feitas, o silêncio, a falta do 'muito obrigado'. É perder porque em qualquer sistema, em qualquer estrutura, em qualquer institucionalização de qualquer coisa sobre a face da terra, o verdadeiro educador estará ameaçando algo até mesmo tudo aquilo em que ele próprio acredita, porque o verdadeiro educador é o que acompanha as mutações da vida, dos tempos, dos comportamentos. É quem logo vê o abismo de imperfeições implícito no seu próprio ato de educar. Porque educar é educar-se dia a dia. É ser capaz da equidistância de esquemas, sistemas e fórmulas infalíveis e donas da verdade última das coisas.

Eu educo hoje com valores que recebi ontem para pessoas que são o amanhã. Os valores de ontem, os conheço. Os de hoje percebo alguns. Dos de amanhã, não sei. Educo com os de ontem? Perderei os hojes e os amanhã. Educo com os de hoje? Perderei o que havia de sólido nos de ontem e nada farei pelos de amanhã, que já serão outros. Educo com os de amanhã? Em nome do que? De adivinhações? E a minha precária maneira de conceber um amanhã que escapá pelos desvãos de meu cérebro?

Se sô uso os de ontem, não educo: condiciono. Se sô uso os de hoje, não educo: complico. Se sô uso os de amanhã, não educo: faço experiências à custa das crianças. Se uso os três, sofro. Mas educo.

Por isso, educar é perder sem perder-se. Sempre. É ameaçar o estabelecido. Sempre. Mas é tudo isso, sendo, também, integrar. Viver

